

poesia postal

//

05



poesia postal

//

05

Poemas de Ema Flores, José Dias Egípto, Mar Becker, Margarida Neves, Margarida Oliveira, Margot, Maria Frazão, Maria Joana Almeida, Rita Tormenta e Rui Miguel Rocha inspirados num desenho de Luís António Lourenço Teles
Fevereiro de 2025

«por vezes, entre as vezes»

por vezes, entre as vezes,
não há linhas em nós
que não desenhem confusão
não fosse o caos
a linguagem do órgão interno
para que o mundo não os ouça.

EMA FLORES

HESITAÇÃO

Por mais que te queira
e que te veja assim deitada
o meu horizonte permanece casto,
espelho que é de tanto desalento,
olhar que de tanto te olhar já vive gasto...

Olho-te e já não te vejo,
porque entre o desejo e o teu favor,
há várias crueldades que são tuas,
que fecham os meus olhos já sumidos
entre as dúvidas e ânsias tão nuas...

Sofro por te ver, sofro por nós...
O ar que respiro parece-me teu!
Quem nos vê dirá que estamos sós
mas as almas se enlaçam num só véu!...

Não, não fui criado para tais aflições!
Quase que desfaleço com os meus medos...
Porém quem poderá desunir os corações
se no teu colo querem avançar meus dedos?!

«descobrir a passagem de um rio na»

descobrir a passagem de um rio na
demora das mãos

fossilizar uma e outra lágrima derramada na hora azul, quando
ao fim da madrugada os gatos regressam
para bocejar depois da caça

saber que corre nestes pulsos finos a
pulsção animalesca de gerações de mulheres só

guardar amor nesta língua frágil —
e ter medo de feri-la sussurrando-a

MAR BECKER

DESPIERTA, TIEMBLO AL MIRARTE...

(Gustavo Adolfo Bécquer)

tudo em ti

é salpico de primeira chuva

rumo sem leme

dança em pontas de bailarina

quando dormes, na tua boca

rosa avermelhada, fundem-se língua

criação e desejo, nas lânguidas

sombras da noite

não me chames ainda

que eu sou a morte

transforma com o teu gesto sereno

a decadência monótona da monotonia dos dias

deixa que na palma da tua mão

voltem a brilhar as flores

amanhã quando for dia

MARGARIDA NEVES

SONHO SEM DESTINO

Na ausência da tua fala
aprendi a cair sem destino
a sonhar no vazio
aconchegada pela memória
das borboletas que floresciam
quando sabias o caminho
que te trazia embriagado
de poesia até à minha porta

MARGARIDA OLIVEIRA

DOR

só
amarfanhada na minha dor
prostrada no vazio do silêncio
desisto
vim embora de ti
deixaste-me cair
e eu cedi
só, eu estou
olhar húmido
corpo frágil
minha alma quebrou
e só quero desaparecer
fundir-me na alvura dos lençóis
perder-me no vazio indolor
no silêncio anestésico
para um dia voltar
forte e sólida
e renascer
longe de ti

MARGOT

SEREI O TEU RISO

não serei fácil nem serei
difícil mas serei real
não gritarei nem te pedirei para vires ou para
ficares
verdadeira
não escreverei palavras difíceis ou
as contarei ao vento
deitada de rosas
prometo-te agora
serei o teu riso
e a tua paixão
nunca o teu lamento

MARIA FRAZÃO

COMO DEGAS

sonhava
que tu também sonhavas
e que deixavas
que repousasse
os meus olhos sem idade
na curva do teu dorso
dourada por aquela nítida luz
de outono
desenhava
como Degas
a melancolia de uma tarde
em que o teu corpo
era a única luz
que me resgatava
das trevas

MARIA JOANA ALMEIDA

«Mãe?»

Mãe?

Ainda conto alto os segundos entre o relâmpago e o trovão.

Já não me lembro qual era o cálculo para medir a distância
e nem sei se alguma vez terá sido fiável.

São tantos os trovões a rebentarem-me na cabeça.

Às vezes até antecedem os relâmpagos.

Mãe?

Será que também funciona se eu contar ao contrário?

Ou será que assim em vez de calcular a distância da trovoada
calcularei a proximidade da loucura?

RITA TORMENTA

«A mulher morreu há tantos anos»

A mulher morreu há tantos anos
que já não há memória dela

O último que a nomeou desapareceu

Ficaram um desenho e este poema
- frágil imortalidade -

Como toda a arte confirmará

RUI MIGUEL ROCHA

poesia postal

//

05

06.Fevereiro.2025

www.elefante-editores.net